

EDITORIAL

No primeiro semestre tivemos uma semana teológica que examinou a teologia nas ondas do mundo que é o nosso e que é de hoje: como acertar nos caminhos plurais que ele nos oferece e como não se perder numa dispersão que não nos dá coerência nem horizonte de futuro? O professor Francisco Catão ajudou a reflexão com uma análise da ecologia como problema para teólogos...que devem compreender as relações Deus-Ser-humano-natureza. Vale a pena fazer a caminhada.

Estamos celebrando o tricentenário do nascimento de Santo Afonso de Liguori, o padroeiro dos moralistas, um homem que deixou o direito para viver a pastoral. Mas que nunca conseguiu abandonar seu desejo de levar todos e tudo pelos caminhos da justiça. A Igreja do tempo dele fazia uma união muito estreita entre lei e obrigação, entre direito e moral. Hoje, quando a moral cristã tem a coragem de condenar as estruturas de pecado que mantêm legislações violentas e injustas e também se sente confusa perante sua obrigação de viver legalmente num mundo que não tem a sua moral exigente e revelada, muitas vezes em confronto com as necessidades de uma ordem jurídica ajustada a comportamentos morais incompatíveis com as medidas morais de quem tem fé. Como viver na contradição, como manter sua rota numa estrutura que não é cristã? O terreno é difícil e no fim do ano os moralistas da América Latina estarão unidos em São Paulo para discutir teoria e prática. Participe um pouco desse congresso lendo uma das conferências que vai ser apresentada ao grupo pelo P. Antonio Silva CSSR.

Que tal enfrentar uma operação fácil mas onde se tem que usar os meios técnicos de ponta, onde todas as surpresas são possíveis? Os médicos estão vivendo essas situações todos os dias quando os clientes lhes fazem pedidos cada vez mais arriscados. Como profissional o médico tem que se arriscar e para agir com segurança tem que experimentar. Mas ele não está apenas agindo dentro de forças físicas... ele mexe com a vida, com a saúde e com a pessoa humana! Não dá para agir sem responsabilidade, sem conseqüências e sem erros. Os médicos foram descobrindo a bioética. Os governos começam a fazer leis dentro de uma visão bioética... e os moralistas são forçados a compreender, analisar, descobrir na bioética. O P. Márcio Fabri dos Anjos propões alguns caminhos que permitem começar a ver a bioética por um teólogo.

Tudo isso nos leva a pensar em como estudar ou lecionar teologia. Ainda mais que esse mundo em que vivemos é certamente consequência da ação teológica cristã numa cultura de cristandade dividida mas ativa e poderosa... Como o responsável por formação teológica pode rever sua função diante das críticas que são feitas ao mundo e aos que o constroem com bases cristã? A professora Nancy Cardoso Pereira participou de um Congresso em Oslo e traz para nós o que essa reunião recolheu como contribuição para aprofundar o problema.

Mas não é só a cultura teológica que está em revisão. O professor Enio José da Costa Brito mostra que a cultura popular que as elites iluministas pensavam agonizante nos séculos XVII a XIX continua a existir e a resistir. Não seria bom compreendê-la e mesmo dialogar com ela como intelectuais para que ela sobrevivesse com maior riqueza e nosso racionalismo moderno não caísse num pos-modernismo esterilizador?

As situações de mudança e de aprofundamento facilitam o diálogo entre as pessoas de boa fé e de boa vontade que não temem ser elas mesmas. O pastor Ervino Schmidt abre sinceramente sua visão do Evangelho ao examinar seu pensamento sobre a Mãe de Deus e compará-lo com as propostas e definições da Igreja católica nos últimos duzentos anos. Reconhece que possam existir propostas diferentes de receber a fé, mas como conviver as diferenças e agir ecumenicamente perante situações onde nosso relacionamento com o Senhor se apresenta diferente conforme as tradições? Mesmo negando aos santos um poder de intercessão, não estaria o protestantismo afastando-se da veneração deles sempre tão cara à Igreja? Não estaria ainda sendo intelectualista demais perante a fé com seu lado afetivo? Não estaria a Igreja católica em sua euforia mariana sendo pouco sensível no uso de certas expressões muito em voga na espiritualidade mariana? Certamente há elementos não teológicos que dificultam a compreensão do papel de Maria na história da salvação e não se deve pretender unanimidade... mas como assumir o legítimo pluralismo? Uma reflexão feita em ambiente escolhido e que merece uma ampla divulgação. Agradecemos ao Pastor que gentilmente nos permitiu a publicação.

Dentro dessa última pergunta aparece a contribuição inicial dos alunos de nosso primeiro ano: como agiram os Padres da Igreja primitiva ao ter que pensar a catequese em termos de civilização grega se a revelação era toda proposta numa cultura semita? Tradução difícil mas que hoje pode ser mais estudada com facilitação pela versão de textos patrísticos primitivos em nossa língua. Pode ser um ato empírico, mas é também uma experiência tentadora para quem tem que fazer catequese e pastoral em ambientes latino-americanos contraditórios onde

nosso povo sofrido e excluído vive num mundo onde a técnica possui tantos meios e recursos.

Fazer teologia hoje, ensiná-la no nível de catequese, pregação ou magistério é uma aventura tão exigente como enfrentar um jogo de perigos em computador. Há muitos riscos e obscuridades, muitos possíveis e duras frustrações... Mas é um serviço cristão fundamental. Não seríamos cristãos e nem estaríamos evangelizando se não fôssemos como ele: *Mestre, sabemos que és sincero e não te deixas influenciar seja por quem for: não fazes acepção de pessoas, mas ensinas os caminhos de Deus conforme a verdade* (Mc 12, 14). Os fariseus faziam a afirmação para provocar uma cilada... mas a vida e a praxis de Cristo eram exatamente essa realidade. Pode nossa teologia ser outra coisa que uma reflexão cristã sobre os problemas reais e plurais dos homens?

P. Antonio Silva CSSR
Diretor